ESTADO DE MINAS

Publicado em 14/07/2022 - 05:55

Vizinhos do perigo

EDESIO FERREIRA/EM/D.A PRESS

Tombamento de carreta levou pânico aos moradores das proximidades do Anel Rodoviário na madrugada de ontem. Omissão do poder público resulta em diversas moradias irregulares nos arredores da rodovia

ACIDENTE

Carreta com mais de 36 toneladas tomba no Anel Rodoviário durante madrugada e deixa dez famílias desalojadas. Moradores do entorno convivem com rotina de medo e incertezas

BEL FERRAZ, EDÉSIO FERREIRA E MARIANA COSTA

Na coleção de problemas em que se configurou o Anel Rodoviário ao longo dos anos, os riscos não ficam apenas entre condutores que passam pela movimentada via da capital mineira. O temor é o mesmo entre outro público: pessoas que residem em precárias moradias instaladas ao longo da rodovia.

Resultado da omissão do poder público, as casas improvisadas acabam se tornando alvo em casos de acidentes de trânsito, como o ocorrido na madrugada de ontem, por volta das 3h, na altura do Bairro Jardim Vitória, no local conhecido como Vila da Luz, Região Nordeste de Belo Horizonte. O motorista de uma carreta carregada com mais de 36 toneladas de insumos de ração perdeu o controle do veículo, que tombou sobre os barracos que margeiam o Anel Rodoviário. Com o impacto, ao menos dez casas foram atingidas, desalojando a mesma quantidade de famílias. Quatro pessoas ficaram feridas – duas delas são crianças. Durante os trabalhos de liberação da via, populares acabaram saqueando parte da carga.

O medo e o convívio com uma rotina de acidentes, além de mortes por atropelamento, são os sentimentos mais citados por pessoas que moram às margens do Anel Rodoviário. Por omissão do poder público, muitas famílias ocuparam os dois sentidos da rodovia, construindo casas a poucos metros da pista, sem nenhuma distância de segurança. Com isso, o risco de acidentes aumenta. As ocupações irregulares também são um entrave para que sejam feitas obras na rodovia. Em 2017, um acordo foi assinado para o reassentamento de 264 famílias das vilas da Paz, da Luz e Pica-pau, na Região Nordeste da capital, mas a retirada de todas essas famílias ainda não terminou.

A manicure Naiara Gonçalves, de 33 anos, mora e trabalha às margens do Anel Rodoviário, próximo ao Viaduto São Francisco, na Vila Humaitá, Região da Pampulha. Ela conta que uma casa na outra margem da rodovia já foi atingida por um veículo, e o imóvel vizinho ao dela também. "Todo ano tem. Duas vezes o veículo bateu e não aconteceu nada. Na casa aqui do lado, os moradores colocaram uma proteção de ferro para tentar proteger porque já aconteceu de (um veículo) entrar na casa."

Apesar de os veículos passarem bem ao lado de onde atende suas clientes, Naiara diz que perdeu o medo. "Me acostumei. Mas eu pretendo sair daqui, porque é muito perigoso", completa. O receio deve-se à rotina de acidentes e fluxo intenso de veículos em alta velocidade. Um vizinho da manicure morreu, no ano passado, ao ser atropelado enquanto tentava atravessar a rodovia.

Segundo ela, os vizinhos sempre dizem que serão removidos para outro lugar, mas isso nunca acontece. Naiara afirma ainda que a casa nunca foi visitada por autoridades de nenhum órgão. Ela diz que, caso tivesse a oportunidade de ser reassentada em um lugar seguro, aceitaria deixar a casa.

PROMESSAS A ajudante de mecânico Jane Barbosa, de 40, mora com os pais há 14 anos na Vila da Luz, próximo ao local do acidente da madrugada de ontem. Na parte de baixo do imóvel funciona a oficina mecânica onde ela trabalha com o irmão, que vive na casa ao lado. Ela diz que sente medo, mas não tem o que fazer. "E pedir a proteção de Deus, levantar a cabeça e seguir em frente porque não tem outro jeito", acredita.

Segundo Jane, funcionários do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) já foram ao local diversas vezes, mas sem solução definitiva. "Moramos aqui por falta de opção. Não temos condições de comprar uma casa em um lugar bom", desabafa a moradora.

De acordo com Jane, um radar que existia próximo ao local foi retirado. Com isso, os veículos passam pelo trecho em alta velocidade, aumentando o risco de novos acidentes. "De madrugada, então, nem se fala", testemunha. Ela também já presenciou vários vizinhos morrerem atropelados na rodovia.

Os moradores relatam que dormir às margens da via é outro desafio. "Eu já me acostumei, mas o barulho incomoda. Essa madrugada mesmo acordei assustada com o barulho do acidente e me levantei", reclama Jane.

REMOÇÕES A poucos metros da oficina de Jane mora a autônoma Raiane Santos, de 32. Ela vive na região há 26 anos e conta que algumas famílias já foram removidas do local, mas o problema persiste porque logo em seguida o terreno é invadido novamente. "Eles tiram dez e entram quinze. A casa da minha mãe foi uma que eles falaram que iam remover. Ela ficou doente, com câncer e não podia ficar perto de poeira. Acabou que não a removeram, ela morreu e ficou por isso mesmo", protesta.

A moradora reclama ainda que falta uma passarela no local para as pessoas poderem atravessar com segurança. Igualmente preocupada, a dona de casa Imaculada Conceição, de 53, vive em um imóvel localizado em uma curva que dá acesso ao Anel Rodoviário, também na Vila da Luz. A casa já foi atingida por um veículo. "Nunca deixei meus filhos atravessarem (o Anel) sozinhos, porque já vi muita gente ser atropelada aqui", informa.

Procurada pela reportagem do Estado de Minas, a Prefeitura de Belo Horizonte disse que a retirada e o reassentamento de famílias estão sendo conduzidos pelo Dnit e coordenados pela Justiça Federal.

O Dnit informou, em nota, que o processo de reassentamento das famílias que moram às margens do Anel Rodoviário está na fase final da primeira etapa. A entidade divulgou que já foram reassentadas 235 famílias e outras 54 estão em fase de prospecção imobiliária.

A Vila da Luz, segundo o órgão, faz parte da segunda fase do programa em andamento. A previsão é que outras 650 famílias sejam reassentadas. "A medida será efetivada no local assim que a primeira etapa do processo (nas Vilas da Paz e Pica-pau) for concluída", informou o Dnit. O processo envolveu acordo com o Ministério Público Federal, a Defensoria Pública da União e a Prefeitura de Belo Horizonte. O documento foi assinado em 2017, no âmbito do Programa Concilia BR-381 e Anel Rodoviário. O órgão informou, no entanto, que a Vila Humaitá não integra o projeto em curso.

ALEXANDRE GUZANSHE/EM/D.A PRESS

A manicure Naiara Gonçalves, de 33 anos, mora à beira do Anel Rodoviário. Ela diz que já se acostumou à rotina de acidentes e atropelamentos na região

ONDE FOI

"Achei que todo mundo tinha morrido"

OUTRO SUSTO

Um ônibus da linha 3301 bateu em uma casa no Bairro Santa Terezinha, na Região da Pampulha, em Belo Horizonte, na manhã de ontem. O motorista ficou preso às ferragens e foi retirado pelos militares. Segundo o condutor, em uma curva, ele não conseguiu acionar os freios do coletivo e acabou entrando na garagem da residência. Durante o atendimento, os bombeiros constataram o risco do colapso da estrutura da casa e acionaram a Defesa Civil. O local teve que ser isolado.

O auxiliar de serviços gerais Sandro dos Santos foi acordado na madrugada de ontem com a força dos escombros sobre seu corpo. Ele mora próximo do local do tombamento da carreta. "Me deparei com os escombros em cima da minha cabeça. Minha esposa estava ao meu lado. Acordei ela e saí de casa. Quando saímos é que vimos a carreta tombada", disse ele.

Santos estava com alguns cortes na cabeça e marcas de sangue pelo rosto, mas recusou atendimento médico. Preferiu ficar vigiando a casa para impedir possíveis roubos. "Se eu sair, quem me garante que vai ter segurança aqui?", questionou.

Wellington Antônio é outro morador que teve a casa atingida pela carreta. Na hora do acidente, ele, a esposa e os três filhos estavam em casa. Na hora do resgate, Wellington ajudou a retirar o vizinho, que estava embaixo dos escombros. "O meu muro caiu em cima da casa dele. Tivemos que ajudar os bombeiros a resgatá-lo. Ele foi para o hospital, mas não tenho mais notícias dele", revelou.

Ivone Silva é outra moradora que foi acordada pelo medo. "Foi um terror", resume a mulher, de 55 anos. Há 25 ela mora no Bairro Jardim Vitória, no trecho conhecido como Vila da Luz, na Região Nordeste de Belo Horizonte. Foi exatamente ali onde a carreta atingiu várias moradias. Ao menos quatro pessoas ficaram feridas, entre elas o neto de Ivone, um garoto de 8 anos.

"Achei que todo mundo tinha morrido. Atingiu em cheio a casa do meu filho. Estava ele, minha nora e três crianças. Ele no andar de cima e uma menina embaixo. A sorte é que não pegou nela", disse. A família de Ivone informou que perdeu tudo no acidente.

"Acabou tudo. E eles não têm pra onde ir. Na minha casa não daria, porque também é área de risco", concluiu. (BF e MP)

EDESIO FERREIRA/EM/D.A PRESS

O neto de Ivone Silva Antônio ficou ferido. "O acidente atingiu em cheio a casa do meu filho. Eles perderam tudo"

Quase 80 acidentes em apenas um mês

RENATA GALDINO E SILVIA PIRES

Em apenas um mês, 77 acidentes foram registrados no Anel Rodoviário de Belo Horizonte, uma média de 2,5 ocorrências por dia. Os dados são do Comando de Policiamento Rodoviário e correspondem ao período de 10 de junho, quando uma tragédia matou duas pessoas no trevo do Betânia, na Região Oeste, até a última segunda-feira (11/7).

No total, neste ano, 349 acidentes ocorreram na rodovia desde janeiro. Uma outra tragédia foi registrada recentemente na via, quando oito veículos bateram no temido trevo do Betânia, na noite de 10 de junho. Duas pessoas morreram na hora. De acordo com o Corpo de Bombeiros, um caminhão de cerveja reduziu a velocidade no local por causa de uma colisão envolvendo dois carros. No entanto, ele perdeu o freio e atingiu outros veículos na via. O acidente de ontem pode ter sido causado por excesso de velocidade e peso. A informação é da Polícia Militar Rodoviária (PMRv).

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Pagina:** 11

Copyright © Clipclap 2025.